

Paisagens entre nós: correios imag(ens)inados de qualquer lugar ou pela docência como cartas

Landscapes among us: imag(e)ination of mail from anywhere or by teaching as letters

Paisajes entre nosotros: correos imag(en)enados de cualquier sitio o por la docencia como cartas

DAVI HENRIQUE CORREIA DE CODES¹

RESUMO: Intercessões no fazer da docência trazendo como gesto proeminente as trocas de cartas. Envios e recebimentos por entre habitantes de todo e qualquer lugar, buscando traduzir/transcriar, experimentar através da (in)correspondência, trocas como convivências com e pelo mundo. São inacabamentos e incertezas endereçadas a alguém que no aguardar dos correios, participa e nutre potências incessantes de serem germinadas pela palavra do/para o outro, nesse exercício de corresponder-se com, da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas; docências; diferença.

ABSTRACT: Intercessions in teaching, bringing exchanges of letters as a prominent gesture. Sending and receiving between inhabitants of any and every place, seeking to translate/transcreate, experience through (in)correspondence, exchanges as coexistence with and around the world. These are incompleteness and uncertainties addressed to someone who, while waiting for the post office, participates and nurtures incessant powers to be germinated by the word of/for the other, in this exercise of corresponding with, of education.

KEYWORDS: Letters; teachings; difference.

1. Departamento de Pedagogia no Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - FAED/UDESC.

Paisagens entre nós: correios imag(ens)inados de qualquer lugar ou pela docência como cartas

RESUMEN: Los cambios de cartas, como gesto perceptible, traen intercesiones a la labor docente. Envíos y recibimientos entre habitantes de todos y cualquier sitio, buscando traducir/transcribir, experiencia a través de (in)correspondencia, cambios como convivencia con y por el mundo. Son inconclusos e incertezas direccionadas a alguien que, mientras aguarda los correos, participa y nutre potencias incesantes de que sean germinadas por la palabra de/para el otro, en este ejercicio de corresponder con, de la educación.

PALABRAS-CLAVE: Cartas; docencias; diferencia.

PAISAGENS ENTRE NÓS: CORREIOS IMAG(ENS)INADOS DE QUALQUER LUGAR OU PELA DOCÊNCIA COMO CARTAS²

Querida amiga,

Da varanda em que me encontro, perco-me uma pouco mais a cada instante. Olho ao longe o horizonte e ele inclina-se com o mexer da aranha que o atravessa. Nessa carta que lhe mando, procuro esperar nascer as palavras que ainda não se puseram a cantar. Mas aguardo paciente, cada carinho imaginado que você há de me enviar. Fiz dobras dos ventos, fiz ruir os trovões. Fiz brasa da noite, fiz chover o fissurado chão. Enquanto te olho daqui da varanda, não consigo te enxergar. Contudo te aguardo, a minha carta mandar. São paisagens entre nós que procuro criar. São passagens entre nós, vindas de qualquer lugar. Na vontade de estar contigo, envio-te essa palavra, vai embebida em imagem, para esta conversa demorar... no fim, o convite: vamos proliferar cartas que arrastem até pequeninos gestos?

*Desconhecido
Destempo, 2024*

Dessa paisagem em construção, convida-se notar que são de afetos os cartões-postais que durante toda a vida experimentamos e enviamos em correspondências do/no mundo, e ver que desse “comum” passeia tempo e destino, distraídas dos compromissos, mas comprometidas pelos encontros e pelo cuidar. Desse modo, vale assim indagar: O que habita as intercessões entre cuidado e fazer da docência? Como coabitar o fazer e o cuidar dos afetos? Que (des)enquadramento comportaria os restos dessa

2. Este ensaio foi originalmente escrito como capítulo da Tese de doutorado deste autor, defendida no ano de 2023, com financiamento do CNPq, e teve esta versão modificada para ser publicada.

imagem? O que caberia dentro de um envelope, capaz de fazer rasgar todo e qualquer papel que tentasse segurar para si, reter o instante, que se intenta entregar ao outro através das distâncias de um envio? Este ensaio intenta versar sobre possíveis intercessões no cuidado e no fazer da docência, do fazer e do cuidar dos afetos, trazendo como gesto proeminente as trocas de cartas, experimentando através da (in)correspondência, comunicações como convivências com e pelo mundo. Para estar como carta, arrisca-se dizer, é preciso primeiro assumir-se em entrega e corresponder-se com aquilo que está em outro lugar. Nesse sentido, enredar envios e recebimentos, estar sempre no entre.

Seria preciso deixar atravessar-se pela demora, pela espera, pela vontade de chegada, pela busca pela partida, pelas questões que surgem. Como arranjar uma docência em instantes correios, sem que para tal, precise de colagens de selos por sua superfície? Como sustentar os envios e recebimentos de correspondências entre professores/as para além de trocas pedagógicas? Que didática seria esta, capaz de ter nas cartas uma troca que não fosse intencionalmente pedagógica? Quem sabe, virando ao avesso cada correio e cada professor/a, para que diante das incertezas endereçadas, especular de outros modos sua vontade de se reafirmar em cada gesto. Enviar para o mundo mapas ainda em branco de escape para/com a diferença, e assim gotejar por toda parte, espalhando cuidado e escuta, colecionando enredos e raspando palavras murmuradas entre habitantes de solidões que resistem e ficcionalizam vidas, ao fazer desse habitar docente, esburacadas travessias.

Cartas enviadas, cartas sem resposta, cartas para conhecidos, para desconhecidos, para pessoas já mortas, para pessoas ainda não nascidas e... uma multidão infinita de possibilidades que fazem (des)encontrar afetos, distâncias, espaços dentro e fora das passagens do tempo. Deixar correr pelo mundo alguns cuidados e desejos que se buscam na conversa com o outro. O que buscam esses encontros? Se é que buscam algo.

O professor Leandro Garcia Rodrigues (2015, p. 222), convida-nos a pensar nos textos de cartas, ou documentos epistolares, como nomeia essas materialidades, como “uma escrita complexa que flutua entre fronteiras do público e do privado, do autobiográfico e da encenação, da verdade e da ficção, do histórico e do literário”. Um universo repleto de possibilidades, anseios, intencionalidades e ainda, instâncias singulares de compreensão dos destinos e destaques ao que se fazer com aquilo que se envia e aquilo que se recebe. Nesse sentido, problematiza qual destino ser dado, a quem pertence aquilo em correspondência, quais os limites de cada troca, no que se refere ao produzido etc. Publicações, retenções duradouras, incineração

pela queima, o guardar, o perder, o esquecer, o borrar e o transcriar de uma vasta infinidade de caminhos que nascem desse singelo gesto de existir e se relacionar.

Dentre os diferentes usos e modos de criação, encontramos:

Nas trocas epistolares com um cunho mais teórico e ensaístico, a carta pode também funcionar como uma espécie de campo experimental para a construção estilística dos respectivos autores, bem como para expor a diversificação das experiências de ambos: comentários acerca da vida social, cultural e política de um determinado momento, as mudanças das conjunturas intelectuais e ideológicas que permeiam a vida de cada remetente, os meandros do processo de criação, as dúvidas do que escrever- e como escrever-, os assuntos a serem explorados ou relegados quando do momento da escrita. (Rodrigues, 2015, p. 224).

Cartas entre mestres e discípulos, ou como ensinamentos sobre determinado saber, como as conhecidas e valiosas cartas de Sêneca (2018) ao seu discípulo e amigo Lucílio, aprofundada em aspectos educativos pelos escritos da professora Sandra Corazza (Schuler, 2022), ou ainda pela obra de Friedrich Schiller (1989), em sua *A educação estética do homem, Numa série de cartas*.

Cartas “funcionando como alternativa de explodir as barreiras físicas da prisão” (Rodrigues, 2015, p. 225). Cartas multidões, como as organizadas pela artista Sophie Calle, na emblemática reunião de cartas da exposição *Cuide de Você*, presente no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2009, ou como as correspondências de poetas, escritores, pensadores do campo literário, como Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (Rodrigues, 2015), ou as trocas realizadas intensamente entre Mário de Andrade e Murilo Miranda, que nas pesquisas de Mônica Silva e Matilde Santos (2021), somam cerca de 334 documentos.

Cada uma delas, variavelmente pelo seu contexto, revelam algumas de suas circunstâncias e contextos do tempo histórico. Para as autoras agora mencionadas, as cartas trazem consigo as marcas de sua produção, arrastando o “[...] texto epistolar na sua ambivalência, amarrado simultaneamente à efervescência da vida cotidiana e à história de um tempo histórico social e político”. (p. 90). Além, é claro, “[...] a partilha física do eu, indo desde a escolha do papel, o preenchimento da página, os traços peculiares de cada caligrafia, até o envio de lembranças materiais e corporais do missivista [...]” (p. 91).

As autoras ainda comentam a pertinência da carta, olhadas agora em nosso tempo presente, frente a transformações tecnológicas, indagando sobre as

mudanças simbólicas as quais ainda hoje estão atreladas no imaginário popular, quando dizem: “O que se conquistou em imediatismo e praticidade para o envio da mensagem escrita acarretou, em contrapartida, a perda da ‘aura’ de objeto particular, exclusivo e artesanal que constitui a missiva” (p. 91). Uma marcação incontestável, mesmo que cada vez menos praticada e frequente, haja vista sua complexa e rica conformação enquanto “Corpo textual que traz consigo as marcas do corpo físico [...] intangíveis corpos escritos [...]” (p. 91), ou ainda “Quando resguardados dos reveses e das intempéries vividas por seus correspondentes, as cartas perdem e parecem ganhar da volatilidade da mensagem eletrônica, que uma vez lida, estaria fadada a se desmanchar/liquefazer no ciberespaço” (p. 91).

Cartas em sua paradoxal condição de fragilidade e durabilidade. Do corpo físico feito de papel, como bem salienta a pesquisadora Poliana Cordeiro (2016), mas nessa contraditória condição de sutileza e permanência, mas favorece aquilo que é “[...] sobrevivência do objeto incita a um novo pacto de leitura, agora, com um leitor alheio à relação epistolar inicial” (Silva; Santos, 2021, p. 92), mesmo que mediante os variados pedidos de que, após lidas sejam elas suprimidas, eliminadas por seu destinatário, que nem sempre o faz ou guarda para si, ou permanece vivo para manter tal vontade e intimidade. As cartas seguem de alguma maneira, existindo: “destruir – incluindo pedidos para rasgar e queimar as mais comprometedoras – seguidos de recuperações miraculosas, ganham contornos romanescos, nos quais o acaso colabora para a propagação da mensagem para além do destinatário previsto” (Silva; Santos, 2021, p. 92).

Quanto a essa duração e permanência, o professor Silviano Santiago (2006, p. 60) comenta que “As palavras da obra publicada em letra de imprensa são tão minhas quanto as palavras que, depois da leitura, penso em silêncio, falo ou escrevo”, e complementa dizendo que “Textos literários são legados a nós, leitores, para que deles tomemos posse”, ao passo que “Ao ler, deixamos que a obra inscreva sua marca na nossa memória, ao mesmo tempo em que fincamos o marco no território que foi de um e passou a ser de todos. Ao fincá-lo, abolimos para todo o sempre o pertencimento exclusivo da obra ao seu autor e à sua época”.

São múltiplos os matizes de autores(as) de cartas e as zonas de interesses dos leitores curiosos e desbravadores por estas correspondências evocadas ao mundo, como bem mencionam Silva e Santos (2021, p. 92), vejamos:

No meio acadêmico, é consenso pensar que a correspondência de um autor recebe o *status* de documento e realiza o registro cotidiano de hábitos culturais e de formas de pensamento, incorporando, na sua textualidade, os modos de viver e as modas retóricas/estilísticas da época vivida por ele.

No caso de missivistas célebres, a correspondência subsidiará, junto com outros escritos íntimos, as biografias dessas personalidades. Por outro lado, quando se trata das cartas de artistas, os textos são laboratórios onde se acompanham os projetos, a gênese e a discussão das obras. Assim, na condição de *work in progress*, as cartas erguem-se, como um paratexto, um espaço de criação [...] um agitado ‘canteiro de obras’.

Contudo, as autoras dão ênfase ao fato de que o solo é incerto, quando falam “[...] na ilusão representativa que envolve tanto o remetente, quanto o destinatário. Não sendo possível conhecer as intenções subjetivas, ou mesmo mensurar o grau de verdade e mentira dos sentimentos expostos [...]” (p. 92), o que faz da troca de cartas uma complexa e enevoadada paisagem, tão real quanto ficcional, para análises e conjecturas. Complementam: “[...] a carta possui a atração de um baú de histórias[...]” (p. 93), e como bem menciona o professor Santiago (2006), vale o alerta para os ingressantes nos enredos epistolares, quando evoca destes leitores uma postura altiva, ao dizer que “Ao invadir a intimidade da letra epistolar, estamos sendo antes de tudo, transgressores” (p. 60), ao passo que igualmente problematiza em tom jocoso, sobre o que devemos fazer com a antiga máxima já muito conhecida, que diz: “A correspondência é inviolável” (p. 61). Talvez desobedecer.

Cartas em declínio e quase não mais trocadas, ruas ainda por serem frequentadas e percorridas para que se veja e se reinventem nações. O que mais? Haveria possibilidade de se fazer algo pelas docências junto as cartas? Contudo, mesmo sendo mínimas as trocas de cartas, elas seguem esvoaçantes e persistentes. Tal qual a dupla frágil e duradoura condição de seu surgimento e permanência no mundo. A carta e a docência, seguem trazendo em si o desejo, a vontade de estar com a possibilidade de conversa, de novas e constantes aberturas a que sujeitos ofereçam a si e aos outros, e em certa medida, qualquer gesto de cuidado. Acho que com elas, se assim podemos dizer, nasçam algumas possíveis amizades.

Releu a carta, e de novo, investigando os caracteres, tentando, quem sabe, extrair da caligrafia trêmula mais algum sentido (...). A carta estava toda limpinha, sem nenhum

café ou rasura, mas ali, na linha da data, o papel parecia um pouco desgastado, esmaecido. Dava para ver a tentativa da borracha, a marca cuidadosa do corretivo[...] (p. 194).

Escrever e enviar cartas. Esse gesto ainda persiste e com ele, os detalhes já não tão discretos das subjetividades existentes nos processos educativos. Faz-se em movimento contínuo de escrever, rasurar, reescrever e fazer encontrar o outro que fará também uma série de outros gestos para manter a conversa contínua e viva, como na imagem do fragmento do conto intitulado *Separação*, do escritor mineiro Marcílio França Castro (2016), contido na seção *Das correspondências*, do seu livro de ficções *Histórias Naturais*.

Separação, assim como os outros quatro contos que compõem a seção de textos mobilizados pela escrita de cartas e correspondências, inspira pensar a potência existente nesse meio, no meio, no entre, que por mais que estabeleça as margens e bordas que separam o aqui do lá, também as une. Cartas como pontes, como fronteiras nada rígidas, nada limitantes, mas fluidas das conversas potentes entre mundos, vidas, lugares, paisagens e...

Ademais, como lido no fragmento, perceber que as cartas carregam marcas. Carregam as passagens que foram realizadas, os restos daquilo que foi abandonado, mesmo que parcialmente ou provisoriamente em detrimento daquilo que foi eleito para permanecer. Carrega quem escreve pelas escolhas do que contar e mostrar... carrega quem lê, pelas escolhas do como vai ler e se permitir ver. Conversas proliferantes de/sobre (in)correspondências. Gestos que, por vezes, sobretudo quando feito pela docência, ficam muitas vezes incorrespondidos.

Para a educação, trocas de cartas são uma constante aposta na retomada das forças que se (re)estabelecem, diante da possibilidade do fazer encontrar. Das escolhas por caminhos mais constantes e circulares, da busca pelo tempo mais desacelerado a que nos convida a escrita – por vezes feita à mão sobre um papel –, do cuidado com quem irá te receber, da atenção de quem irá ler, enquanto segura algo em suas mãos, sobre o corpo ou diante dele. Fazendo ali, ao longo daqueles instantes, renascer as palavras, outrora silenciosas do texto adormecido dentro do envelope, coincidem com o ecoar desperto do barulho dos corpos que as leem mais uma vez.

A educação pode ainda existir em cartas e em correios, nas correspondências daqueles que escolhem de alguma maneira, cuidar de si e do outro, daqueles que cuidam das palavras e das imagens, e quem sabe deixar ser cuidado também por elas. Cuidar, não somente pela inscrição da presença, mas no notar do valor do

contrário, da ausência necessária que é marcação de quem precisou enviar uma carta para, ou escrever um texto para. Fazê-lo como quem fala sobre algo, mesmo que o faça num conjunto de frases truncadas, com desvios, voltas, repetições, acelerações, lentidões e hesitações. Cultivar desejos que só nascem ali, no escrever, e que para tanto situam seu nascer em oferta ao mundo. Nascer, porque saída, como se de dentro de outro(a), ao qual lhe gestava, e assim, constar que em saída: “[...] escrever é retirar-se, através de um gesto: este, que seleciona e oferece (Costa, 2022, p. 04), e assim, fazer nascer como quem oferta.

Sobre esse mundo em correspondência, o professor Raul Antelo (1998, p. 34), afirma que “Uma carta sempre chega ao seu destino [...]”. Dito isto, convoca pensar nos diferentes modos com os quais são enviadas, deslocam-se, percorrem seus caminhos incertos antes mesmo de cumprir com seu efeito de leitura ou encontro com o seu alvo de endereçamento, mas que sempre chegam, independentemente de onde chegam. Cartas com vida (im)própria, talvez, com seus humores e amores no/pelo mundo. Letras em embaralhamento a cada novo trecho, antes mesmo de serem abertas e quando não, é que vão deixando cair por aí algumas de suas sobras.

Quem lê cartas, portanto, receberia aquilo que resta? E com algum esforço “Leria o ilegível (Antelo, 1998, p. 35), e afirmaria no mundo que “O que se escreve e o que se lê, revelam sempre suas brechas” (p. 36). Mesmo assim, convocar nesse momento de encontro-leitura-docência, gestos daquele que irá “Ler o mesmo como um outro, ler o novo como o desconhecido” (p. 37) e assim transcriar como um artista as possibilidades do viver, diante “[...] da necessidade de tramar novas fantasias que afastem o terror da história” (p. 37).

Ainda com Antelo (1998), notar que “A carta sempre deixa um resíduo: borra, lixo, rasura” (p. 42) e assim vai contagiando e gotejando pelo caminho. Do seu fazer, do seu deslocar, do seu chegar, do seu ler, do seu adormecer no tempo que estranha o infinito do desejo de encontrar, e que vai correndo solto pelas paisagens sensíveis da ampla geografia do mundo. “Em outras palavras, uma carta sempre chega a seu destino porque ela percorre o caminho mais de uma vez” (p. 42).

Cartas, assim como “[...] diários, bilhetes, manuscritos em geral – são vistas como a ‘parte menor’ da produção intelectual de uma pessoa [...]” (Rodrigues, 2015, p. 229), e talvez por esta razão aqui, o presente e tão desconcertado motivo de serem objeto de atenção, interesse tanto, causem provocação e demora. Essas que podem e talvez devam ser e fazer composição junto ao território-currículo, neste fazer docência-epidérmica, em instigante convocação das professoras

Caroline Rochefort e Maria Garcia (2022, p. 02), quando dizem da pertinência de nos filarmos àquilo que provoca a estranheza que nos força a pensar diferentemente, e dar lugar a “emergência da diferença inconciliável, do dissenso, da descontinuidade, do incomunicável e da confusão de fronteiras, da desmontagem e remontagem de experiências, poderes e saberes”.

Arriscar uma docência como parte menor, assim como pelo envio de cartas, como em um lance de “fazeção”, como sugerem, “[...] sempre único por mais que tenha acontecido repetidas vezes. Como um dispositivo que provoca composições-acontecimentos pela experimentação, possibilita a movência do currículo” (Rochefort; Garcia, 2022, p. 10). Enquanto risco, assumir que assim como as correspondências permitem o prefixo *in*, diante de certas inconciliações, pressupor que a docência, por tratar-se mais de movências que de permanências, também esteja apta a certas indocências. Cartas para variar indecências.

Como tal, sendo docente ou escritor de cartas, compreender que em gestos de sua didática, tal qual em cartas, “é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro. Ao querer instigar e provocar o outro, à espera de reação, de preferência uma resposta, o missivista retroage primeiro sobre si mesmo [...]” (Santiago, 2006, p. 65).

Assumir, por vezes, uma condição de envelopar-se e desenvolver-se na confecção de si, daquele que guarda, envolve, esconde em algumas ocasiões, assim como nas correspondências em que “[...] o envelope oculta carta e anexo” (Santiago, 2006, p. 66). Nesse que será um “Complexo jogo de espelhos, nesta mineração do outro, a figura retórica dominante será a de ecos que se desmembram [...]. Ecos de ecos de ecos [...]” (p. 77). Na carta e na docência, buscar os gestos, impulsos e coragens para se lançar e se abrir ao outro, e por conseguinte, de si para si mesmo: “No mesmo movimento em que o sujeito se abre ao outro para que este o conheça, ele também se dá a conhecer a si mesmo” (p. 76).

Para as pesquisadoras Fabiana Marcello e Rosa Maria Bueno Fischer (2015), não se deve limitar ao conhecer, mas expandir ao cuidar, quando mencionam que “Cuidar de si e dizer a verdade constituem, em suma, artes do pensamento e da experiência de alteridade” (p. 172), tal qual se almeja neste enlace experimental junto às correspondências, uma vez que se confia que neste fazer escrita/encontro por cartas “o que decorre, então, é uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si” como pensado por Michel Foucault (Deleuze, 2013a, p. 108), mesmo que isso gere ou force alguns desconcertos, incômodos e perdas. Estremecer para variar.

Para o professor Carlos Skliar (2020, p. 59, tradução própria) “O certo é que a experiência literária, escrita ou lida, é uma experiência de solidão”, e complementa dizendo que “[...] a solidão podia ser um princípio, um ponto de partida, uma pátria, um refúgio, uma guarida, o próprio corpo, algo parecido a uma atmosfera, a uma tonalidade, que será sempre irrepetível, imprevisível, indefinida” (p. 59). Sobre suas causas, ele acrescenta: “A causa da solidão, assim, é uma leitura errática, alfabética, que apenas sugere uma escolha do indivíduo próximo da enfermidade, da distração, do desnotamento” (p. 60). Seria igualmente referente a uma docência em desterritorialização?

Ao passo que segue em belas e desconcertantes variações da noção solidão, o professor Skliar diz que “[...] a solidão não tem ponta, nem relevo, nem profundidade, nem símbolos: é rugosa, é sabia e ignorante, criança e idosa ao mesmo tempo” (p. 60). Assim, assumir “A solidão como retiro” (p. 37), e, dessa maneira, tentar encontrar na solidão, nesta paisagem destituída de desfechos, mas repleta de aberturas e inícios, as condições necessárias para mover-se por entre as brechas do existir. Transitar liquidamente por entre as sólidas rochas e como carta, fazer-se chegar em destinatários imprevistos. Permitir conhecer e cuidar de si, nesta intenção de cuidar de quem chega e aonde se chega, independentemente de quem ou onde, construir e consolidar, quem sabe, amizade.

Cartas amigas, cartas-amizadas. Dizer incansavelmente que na/com a docência é possível habitar contextos de convivência, ainda mais que de comunicação, de entendimento, ou qualquer vontade de tolerância. Como sugere Gilles Deleuze (2013b, p. 220), “estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” e, portanto, ele complementa, indicando algumas pistas para o que poderíamos aludir sobre esta compreensão de cartas em seu potencial especulativo e inventivo, e que menos fomentem comunicações e mais como potências de criação de intervalos de escape do controle.

Para tanto, necessário que em escrita, aqui marcadamente fundamentada através das produções e trocas de cartas, é imprescindível voltar e mencionar a potencialidade de fazê-lo através da operação ficcional. Tal qual menciona Poliana Cordeiro (2016), “[...] o cuidado de si torna-se um cuidado do mundo ou uma convocação da ‘verdadeira vida’ por um mundo outro, capaz de instaurar uma vida que se constitua como ruptura e como transgressão” (p. 66) e para tal, que tome a “Força ficcional que pode ampliar e adensar uma relação que tome a verdade como uma potência desestabilizadora e fundamental à formatação de indagações às práticas presentes e a nós mesmos” (p. 66).

Nesse sentido, mobilizado pela ficção que se mostra pulsante nesse refazer-se através da escrita de cartas, e em caminho para estar com outro, impelido pelo cuidado de si e do outro, experimentar, e assim notar que: “Dizer sobre uma vida é colocá-la em outra travessia. Travessia não quer dizer sair [apenas], mas sair de si” (Skliar, 2014, p. 120), e mais que em constante e incessante comunicação, buscar transmutar e delirar relações e convivências neste incansável fluxo de alteridade.

Fazer desde a docência, desse ponto de partida de onde se pensa a educação, ciente que será uma incansável rotina de certezas a se despedir. Desterritorializar ainda a convivência de si e consigo e com o outro e... entendendo que “a convivência é ‘convivência’ porque sempre há – inicial e definitivamente – perturbação, intranquilidade, conflito, turbulência, diferença, afeição e alteridade” (Skliar, 2014, p. 53) e ainda, buscar entender que “[...] convivência porque existe um afeto que supõe, ao mesmo tempo, o fato de ser afetado e de afetar. Estar juntos é algo que não tem sentido em si mesmo [...]. Estar juntos se refere mais ao político que à política [...]” (p. 53-54).

Junto ao desconhecido, fazer cartas. Em cartas, rumar ao desconhecido. “De um não-saber inquieto e delicado. Uma carta tensiona as linhas que separam mãos e corpos e faz dessas linhas um outro fluxo... fluxos de um outro tipo de encontro” (Cordeiro, 2016, p. 77). A autora Cordeiro ainda complementa: “Nas idas e vindas dos traços das palavras, o papel pode se romper, ganhar dobras, veios, sulcos. Não sabemos quantas outras histórias poderiam, então, nessas fissuras se instalarem” (p. 79), e segue “A escrita realizada nas cartas, portanto, ativa esse espaço intervalar. Ativa o desconhecido e o imprevisto que nele dura. Ativa a invenção de existências outras, nesses interstícios” (p. 84). Junto ao desconhecido, entre interstícios e intervalos, entre/com dobras em constante acontecimento, escrever e enviar cartas como quem refaz-se de sua docência em devir.

Emudecer se necessário, assumindo que nesses instantes são de excessos que o habitar se mostra irremediável e inescapável. Emudecer nos dizeres e nos fazeres, pois mesmo assim, pelo simples gesto de caminhar pelos dias, já haverá algo e sempre haverá, como sugere o professor Raul Antelo (2016, p. 10): “[...] porque é necessário deixar rastros [...]”. Nesse gesto de mover-se, pelo tempo, pelo espaço, pelo papel que alega dizer algo, ser sempre sobra e sombra para qualquer certeza imprecisa das coisas. Inscrever-se enquanto se escreve, e deixar estar que em ato de fazer restos pelo mundo, mesmo em cartas.

Trilhar junto as cartas um mapa acontecimental com menos construções sólidas e palpáveis que ruínas em abandono e esquecimento. Como Raul Antelo anuncia,

“Essa arqueologia a que chamamos de *ruinologia* é uma prática desinteressada pela origem [...]” (p. 15), mas que convoca ao tatear errático por entre os escombros. Nesse sentido, seguir percorrendo valas, trincheiras, brechas, córregos, ruelas, atravessando encruzilhadas, não para chegar, mas para afirmar o trilhar. Fazer com pés no chão essa docência errante que viaja em carta, como quem se libera dos receios que o se perder pode acarretar. Desejar o perder-se. Intentar o rasgar-se. Chamar alto a linguagem incontrolável que surgirá no percurso. Escutar o que ressoar por entre as rochas sedimentadas do tempo das sobras. Liquefazer-se para percorrer os caminhos, qualquer que sejam, uma docência para experimentar.

Em razão desse experimentar, não apenas criar de maneira autoral as já aqui imag(ens)inados cartas, mas sentir-se encorajado a evocar como prática na educação outro gesto, a proposta para que cartas pudessem ecoar por aí, alguma coisa ou qualquer coisa de mais no mundo. Assumidamente inacabadas e incertas. Inegavelmente ser multidão e em constante refazer-se, e assim lidar uma vez mais com esta docência que não é habitante despovoada no mundo porque anseia e convive com toda uma floresta de relações.

Notar nas cartas um misto de real e ficcional que delas se deriva, e com auxílio da pesquisadora Ana Kiffer (2017, p. 548), perceber que “Algo na experiência da escrita e da leitura das cartas localiza-se, portanto, no cerne da potência do não verificável, do impossível, do extravio, do desmoronamento das subjetividades”. E ir perdendo-se e desmoronando em cartas como processo formativo e didático. Um naufragar sóbrio, quando “a consciência aguda de uma experiência – a da perda de si mesmo – que dificilmente se atravessa sem perder, justamente, a própria consciência” (p. 551).

Escrever, portanto, não apenas cartas, mas elas também, como quem almeja não desaparecer, mesmo que se vá desaparecendo enquanto se escreve. Mas pela e na educação, continuar recolhendo palavras caídas no solo, largadas a correr pelos rios, chovendo pelos céus, e notar que por vezes estão despertas, outras vezes adormecidas. Então, se tombadas, é porque estão aguardando nossos toques ou balbucios, e podemos sim recolhê-las, em convocação. Assumir que independentemente de estarmos em desaparecimento, ou elaborando algo com “palavras estranhas, ou palavras quebradas, ou palavras loucas, ou palavras caídas” (p. 09), seguir tentando refazer esta docência como quem troca cartas com crianças que ainda estão construindo a sua língua, inventando suas palavras.

Como tais, sugerir pela invenção da linguagem que paralelamente nos inventa o renomeamento das palavras, esses modos e didáticas para que assim possamos

nomear as coisas do mundo sem apreendê-las ou fixá-las. Desse modo, descartamos o risco da captura precoce das fixações e deixamos um pouco mais impregnadas de lentidão e imprecisão, como fazem as cartas que demoram a chegar, ou aquelas que intencionalmente foram guardadas para serem lidas depois, se é que um dia serão.

Das cartas, brincar e chamá-las *kartas*. Ou acrescentar outra letra sem alterar sua sonoridade, como *carthas*, e assim como que para fazer dessa palavra algo outro, dito imperfeito. A intenção, se preciso for justificar, é descentrar essa vontade autoritária de curar as coisas e as palavras, como se tudo e todos estivessem enfermos e sedentos por uma normalidade. Sem adoecer o mundo, insistir em afetá-lo. Assumir, desse modo, “A linguagem como desordem, como desobediência, como uma sorte de rebelião frente ao mundo que cada vez nos faz falar mais rapidamente e mais depressa [...]. Quisera uma linguagem a flor da pele, ou uma pele a flor da linguagem” (Barcena; Skliar, 2015, p. 12).

Caminhos que tentam refazer passagens e paisagens que promovam a diferença. Seja a diferença na palavra, seja a diferença da condição docente tão insistentemente territorializada, seja a diferença nas relações de encontros e desencontros entre pessoas que se ligam por correspondências amigas, através de cartas. Arriscar envios, partidas e chegadas, como quem entrega algo de si, permeado pela vontade de manter ligações e convivências que não se interrompam para todo o longo infinito sempre. Uma conversa interrompida, talvez, como em carta, nessa aposta e valor da espera, na confiança da chegada, nesse mover-se como ir e vir, no partir e chegar, e mais uma vez recomeçar, como um professor ao longo de suas aulas, como a chuva que recomeça a cair, como a água que insiste em molhar. Deslocar-se como quem goteja e é gotejado, e seguir até onde é possível. Cultivar, como quem rega, portanto, nessa figura docente, os movediços gestos de quem intenta fazer de alguns (des)encontros, um lugar de escape e variação para a diferença.

Se preciso for, sonhar. De lançar cartas ao mar e aos ventos, ao mundo, para um começo infinito de encontros com o presente. Experimentar gestos e articulações, parcerias numa ecologia de relações feiticeiras, surpreendentemente radical da gotejante docência que busca paisagens entre nós, acreditando e apostando nos correios imag(ens)inados ou no exercício de docências que se fazem no envio e recebimentos de cartas enviadas ou vindas de qualquer lugar.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, R. **A ruinologia**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2016.
- ANTELO, R. Lixeratura: a carta e o destino. **Literatura e Sociedade**, v. 3, n. 3, p. 34- 42, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.voi3p34-42>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BARCENA, F.; SKLIAR, C. Pensar y sentir las diferencias: cartas entre la amistad, la incomodidad y el sinsentido. **Revista Teias**, v. 16, n. 40, p. 06-27, 2015: Diferenças e Educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24547/17527>. Acesso em: 08 jul. 2023.
- CASTRO, M. F. **Histórias Naturais**: ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CORDEIRO, P. S. **Cartas para uma escrita a perigo**: ensaios, arranjos e ficções. Tese (Doutorado não publicado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2016_t_Poliana_28_11.pdf. Acesso em: 13 ago. 2023.
- COSTA, L. B. Tocar o Futuro em seu Lado de cá: tradução em Sandra Mara Corazza. **Educação & Realidade**, v 47, e124432, Porto Alegre: 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124432vs01>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013a.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013b.
- KIFFER, A. Estou como que sobre cartas e extravios. **Remate de Males**. Campinas, v. 37, n. 2, p. 547-557, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/remate.v37i2.8648593>. Acesso em: 23 ago 2023.
- MARCELLO, F. de A.; FISCHER, R. M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 25, n. 2, p. 157-176, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642459>. Acesso em: 09 set 2023.
- ROCHFORT, C. C.; GARCIA, M. M. A. Território-curriculo: uma travessia da docência-epidérmica. **Educação Unisinos**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2022.261.17>. Acesso em: 07 maio 2023.
- RODRIGUES, L. G. Afinal, a quem pertence uma carta? **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 222-231, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2015.1.19229>. Acesso em: 28 de ago. 2023.
- SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: SANTIAGO, Silviano. **Ora (direis) puxar conversa!**: ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- SCHILLER, F. **A educação estética do homem**: Numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suziki. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1989.
- SCHULER, B. 50 Teses sobre escrituras e o lance de dados: uma incursão pneumática. In: GROPPA, A.; CARVALHO, C. R. R.; ZORDAN, P. **Sandramarcorazza**: obra, vidas etc. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS/Rede Escrituras, 2022.
- SENECA, L. **Cartas a Lucílio**. 6. ed. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

- SILVA, M. G. da; SANTOS, M. D. dos. Cartas para Murilo Miranda, o amigo com quem envelheço. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 80, p. 88-103, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.vii80p88-103>. Acesso em: 17 ago 2023.
- SKLIAR, C. De la filosofía y la literatura como prácticas de soledad. In: **Ensayos En Lectura. Inutilidad, soledad y conversación**. SKLIAR, C. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. (Coleção Ensaio).
- SKLIAR, C. **O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Traduções: Adail Sobral *et al.* Salvador: EDUFBA, 2014.

SOBRE O AUTOR

Davi Henrique Correia de Codes é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas- Unicamp. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e Licenciado em Pedagogia, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi. Atualmente é Professor Colaborador no Departamento de Pedagogia no Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/ UDESC. Membro dos grupos de pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul – UDESC e do grupo Humor Aquoso/OLHO – Unicamp.
E-mail: davidecodes@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6275-8675>.

Recebido em 07 de fevereiro de 2025 e aprovado em 25 de fevereiro de 2025.